

DISCURSOS DOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE SOBRE GÊNERO E BIOTECNOLOGIAS NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO

DISCOURSES OF HEALTH COURSES ON GENDER AND BIOTECHNOLOGIES IN THE CONTEXT OF TRAINING

DISCURSOS DE LOS CURSOS DE SALUD SOBRE GÉNERO Y BIOTECNOLOGÍAS EN EL CONTEXTO DE LA FORMACIÓN

-  Vera Elenei da Costa Somavilla¹
-  Luiza Pessi Rosseti¹
-  Laura Rodolpho Petry²
-  Analídia Rodolpho Petry¹
-  Guilherme Mocelin³

¹Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Departamento de Ciências da Saúde. Santa Cruz do Sul, RS - Brasil.

²Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Curso de medicina. São Leopoldo, RS - Brasil.

³UNISC, Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado - em Promoção da Saúde. Santa Cruz do Sul, RS - Brasil.

Autor Correspondente: Guilherme Mocelin
E-mail: mocelinguilherme@gmail.com

Contribuições dos autores:

Coleta de Dados: Vera E. C. Somavilla, Luiza P. Rosseti, Laura R. Petry, Analídia R. Petry, Guilherme Mocelin; **Conceitualização:** Luiza P. Rosseti, Laura R. Petry, Analídia R. Petry, Guilherme Mocelin; **Gerenciamento de Recursos:** Analídia R. Petry; **Gerenciamento do Projeto:** Vera E. C. Somavilla, Analídia R. Petry; **Investigação:** Vera E. C. Somavilla, Analídia R. Petry, Guilherme Mocelin; **Metodologia:** Vera E. C. Somavilla, Luiza P. Rosseti, Laura R. Petry, Analídia R. Petry, Guilherme Mocelin; **Redação - Preparação do Original:** Vera E. C. Somavilla, Luiza P. Rosseti, Laura R. Petry, Analídia R. Petry, Guilherme Mocelin; **Redação - Revisão e Edição:** Luiza P. Rosseti, Laura R. Petry, Analídia R. Petry, Guilherme Mocelin; **Supervisão:** Vera E. C. Somavilla, Analídia R. Petry, Guilherme Mocelin; **Validação:** Vera E. C. Somavilla; **Visualização:** Vera E. C. Somavilla.

Fomento: Não houve financiamento.

Submetido em: 12/04/2021

Aprovado em: 17/01/2022

Editores Responsáveis:

-  Luciana Regina Ferreira da Mata
-  Janaina Soares

RESUMO

Objetivo: investigar os discursos sobre gênero e biotecnologias no âmbito da formação dos cursos da área da saúde. **Metodologia:** trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória descritiva que está alicerçada em um estudo maior — projeto de pesquisa — desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde (GEPS), intitulado "Gênero e Biotecnologias: Interfaces entre discursos e instituições na formação de alunos dos cursos da área da saúde". A pesquisa ocorreu entre os meses de março e outubro de 2019, sendo realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com estudantes brasileiros e espanhóis da área da saúde, gravadas em áudio e transcritas para Análise do Discurso. **Resultados e Discussão:** os achados indicam que Gênero e Biotecnologia são temáticas que não subsidiam as discussões da formação de futuros profissionais da saúde, mostrando um entendimento de gênero centrado numa norma binária, não havendo espaço para outras possibilidades identitárias, além de a heterossexualidade ser vista como padrão de comportamento a ser seguido. Percebe-se uma certa complexidade na formulação dos discursos dos estudantes no que se refere aos aspectos em que gênero e biotecnologias escapam da relação entre corpo biológico e utilização tecnológica para esses enquadramentos físicos e mentais. **Considerações Finais:** as discussões sobre gênero e biotecnologias nas universidades estudadas têm sido realizadas de forma isolada, sendo necessária uma reestruturação de seus currículos de modo que os temas apresentados passem a ser contemplados para que, efetivamente, componham a formação equitativa e integral de profissionais.

Palavras-chave: Identidade de Gênero; Biotecnologia; Educação.

ABSTRACT

Objective: to investigate the discourses on gender and biotechnologies within the training of health courses. **Methodology:** this is a qualitative, exploratory, and descriptive study that is based on a larger study - a research project - developed by the Studies and Research Group in Health (GEPS), entitled "Gender and Biotechnologies: Interfaces between discourses and institutions in the training of students from health courses." The research took place between March and October 2019 and was carried out through semi-structured interviews with Brazilian and Spanish health students, audio-recorded, and transcribed for Discourse Analysis. **Results and Discussion:** the findings indicate that Gender and Biotechnology are themes that do not subsidize the discussions of the training of future health professionals, showing an understanding of gender centered on a binary norm, with no space for other identity possibilities besides heterosexuality being seen as a standard of behavior to be followed. A certain complexity is perceived in the formulation of the students' speeches regarding the aspects in which gender and biotechnologies escape from the relationship between the biological body and the technological use for these physical and mental frameworks. **Final Considerations:** the discussions about gender and biotechnologies in the studied universities have been carried out in an isolated way, making it necessary to restructure their curricula so that the themes presented can be contemplated to effectively compose the equitable and integral formation of professionals.

Keywords: Gender Identity; Biotechnology; Education.

RESUMEN

Objetivo: investigar los discursos sobre género y biotecnologías en el contexto de la formación de los cursos de salud. **Metodología:** se trata de una investigación exploratoria descriptiva cualitativa que se basa en un estudio más amplio -proyecto de investigación- desarrollado por el Grupo de Estudios e Investigación en Salud (GEPS), titulado: "Género y Biotecnologías: Interfaces entre discursos e instituciones en la formación de estudiantes de cursos de salud", que se produjo entre los meses de marzo y octubre de 2019 a través de entrevistas semiestructuradas, con estudiantes de salud brasileños e españoles, grabadas en audio y transcritas para el Análisis del Discurso. **Resultados y discusión:** los hallazgos indican que el Género y la Biotecnología son temas que no subsidian las discusiones de la formación de los futuros profesionales de la salud, mostrando una comprensión del género centrada en una norma binaria en la que no hay espacio para otras posibilidades de identidad y la heterossexualidad como norma de comportamiento a seguir. Se percibe cierta complejidad en la formulación de los discursos de los estudiantes, en cuanto a los aspectos en los que el género y las biotecnologías escapan de la relación entre el cuerpo biológico y el uso de la tecnología para estos marcos físicos y mentales. **Consideraciones finales:** las discusiones sobre género y biotecnologías en las universidades brasileñas y españolas se han llevado a cabo de forma aislada, y es necesario reestructurar estos planes de estudio para que los temas presentados puedan ser contemplados en los planes de estudio para que efectivamente compongan la formación equitativa e integral de los profesionales.

Palabras clave: Identidad de Género; Biotecnología; Educación.

Como citar este artigo:

Somavilla VEC, Rosseti LP, Petry RL, Petry AR, Mocelin G. Discursos dos cursos da área da saúde sobre gênero e biotecnologias no âmbito da formação. REME - Rev Min Enferm. 2022[citado em ____];26:e-1434. Disponível em: _____ DOI: 10.35699/2316-9389.2022.38478

INTRODUÇÃO

As biotecnologias e os discursos de gênero vêm suscitando, nos campos da assistência e do cuidado em saúde, múltiplas concepções sobre os processos de produção do corpo.¹ Essas concepções estão influenciando a criação de padrões que possibilitam a escolha de modelos estéticos, morfológicos e fisiológicos, nos quais é exequível a eliminação de atributos físicos indesejados. Ademais, viabilizam, precocemente, maneiras de evitar o adoecimento, respondendo, de algum modo, à demanda heteronormativa da sociedade. Dessa forma, passa a vigorar a normatividade sobre o corpo, articulando a aparência às necessidades solicitadas pelo meio social, o que torna a vida um objeto precário e vulnerável.² Essas discussões se constituem como argumentos e justificativas para a realização de pesquisas tais como a que origina este manuscrito.

No que se refere às estratégias de governo dos corpos para o estudo de Foucault³, a inserção do humano no centro das intervenções do Estado e de suas instituições é efeito das estratégias da biopolítica ou, ainda, um indicativo do processo de governamentalização da vida. Mediante a norma, a biopolítica investe sobre os corpos. O poder normalizador exclui e inclui pessoas e grupos sociais, étnicos e culturais, ajustando seus corpos aos processos desejados.⁴

Tais empreendimentos biotecnológicos destacam o envolvimento dos sujeitos com um cuidado e um gerenciamento de si pela responsabilização do indivíduo, que deve ser seguida para o cuidado do futuro, em que as capacidades dos sujeitos alcancem condições de gerenciar sua vitalidade.⁵ Ao olhar as múltiplas condutas adotadas durante a assistência à saúde, é possível levantar algumas problematizações quanto ao exercício de tensionamento do lugar de verdade inquestionável que se tem conferido às biotecnologias e aos discursos de gênero. Oliveira e Romanini⁶, ao descreverem os efeitos das biotecnologias na vida, apontam que, historicamente, elas são utilizadas nos serviços de saúde e impulsionam mudanças de paradigmas na produção de conhecimentos e nas transformações culturais conforme prometem melhorias das condições de vida e saúde. Os progressos tecnológicos, de certo ponto de vista e em determinados contextos, interferem nos modos como os cuidados de saúde vão sendo incorporados e operados.

As relações sociais — que envolvem os profissionais de saúde e os usuários dos serviços de saúde — se inserem num contexto marcado pelos discursos de gênero e pelo consumo de biotecnologias, a fim de garantir melhores condições de saúde. Sobre esse aspecto, Rose⁵ escreve

que os sujeitos se tornaram consumidores ativos de tecnologias médicas, biociências, medicamentos e medicina alternativa, pois aprenderam — sobretudo ao longo do século XX — que poderiam crer e confiar na ciência e em seus produtos na forma de medicamentos, exames diagnósticos, procedimentos cirúrgicos e melhorias de toda ordem na qualidade de vida. Esse consumo tem como objetivo maximizar e melhorar suas vidas em um contexto em que a saúde é entendida como imperativo central nos regimes éticos contemporâneos.

Assim sendo, a presente pesquisa circunda e se debruça sobre os discursos evidenciados por acadêmicos de saúde em relação à sua formação sobre as compreensões de gênero e biotecnologias. Dessa forma, tem-se a seguinte pergunta de pesquisa: quais entendimentos os estudantes da área da saúde possuem sobre gênero e biotecnologias, e quais são acessados em meios acadêmicos?

Ao tomar a popularização de discursos sobre gênero e biotecnologias, considera-se que eles colaboram, justificam-se e tornam-se de potente relevância à medida que interferem e constituem o processo de formação na área da saúde. Sendo assim, é necessário ampliar as compreensões desses discursos na formação acadêmica de estudantes da área da saúde, permitindo olhares holísticos sobre as polaridades de expressão e de vida. Nesse sentido, entende-se que incitar esta discussão a partir da realização da pesquisa que deu origem a este artigo e num espaço de formação — especificamente nos cenários brasileiro e espanhol dos cursos da área da saúde — poderá promover múltiplas e distintas reflexões a cerca do tema, sendo importante para a formação de profissionais singulares e sensíveis aos modelos de escolhas de cada sujeito. Desse modo, o objetivo deste estudo é investigar os discursos sobre gênero e biotecnologias no âmbito da formação dos cursos da área da saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória descritiva que se aloca num estudo maior — projeto de pesquisa — desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde (GEPS), intitulado “Gênero e Biotecnologias: Interfaces entre discursos e instituições na formação de alunos dos cursos da área da saúde”. O estudo foi realizado durante os meses de março a outubro de 2019 com estudantes de cursos da área da saúde de uma universidade brasileira localizada na região centro-leste do Rio Grande do Sul e de uma universidade localizada na região da Catalunha, na Espanha.

As técnicas e os procedimentos para a produção/coleta de dados se deram por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos estudantes, as quais foram gravadas em áudio e transcritas para análise a fim de se obter os dados buscados. As entrevistas eram compostas por questões sobre conhecimentos a respeito da temática na formação universitária, ou seja, gênero e biotecnologias nos espaços acadêmicos.

Cabe ressaltar que os resultados, ora explicitados, fazem menção a ambas as localidades estudadas e aos principais achados em todos os cursos de formação da área da saúde abordados. Os autores convidaram os estudantes em suas salas de aula, aleatoriamente, para participarem da pesquisa. As entrevistas foram previamente agendadas e realizadas nas universidades fora do horário das atividades acadêmicas, em local que possibilitou privacidade, permitindo que a produção dos dados respeitasse todos os princípios éticos previstos na Resolução 466/2012.⁷ O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul sob parecer de número 3.327.608.

A amostra foi composta por 52 estudantes de graduação da área da saúde dos cursos de Enfermagem, Medicina, Psicologia, Farmácia, Odontologia e Nutrição das universidades brasileira e espanhola. O estudo contou com alunos matriculados a partir do terceiro semestre acadêmico, independentemente da idade, e que aceitaram participar da pesquisa de forma voluntária. Ademais, um gravador foi utilizado como instrumento de coleta de dados e foi realizada assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, uma ficando na posse dos pesquisados e uma em posse do pesquisador.

Durante as entrevistas, os alunos foram classificados pela inicial de seus cursos, seguidos da numeração arábica conforme as entrevistas foram ocorrendo (E1, M2, N3 e assim por diante), a fim de garantir o anonimato. Os alunos também forneceram informações referentes ao curso de graduação e ao semestre que estavam cursando, à idade e ao estado civil, assim como preencheram um formulário de entrevista. Para a análise dos dados, foram utilizadas as proposições da Análise do Discurso, de Filho e Baptista⁸, e dos campos dos estudos culturais.

A orientação metodológica que norteia este estudo é atravessada pelo modo observacional não numérico, ou seja, que se preocupa com o aprofundamento das compreensões de um grupo social. Logo, o método de escolha — qualitativo — se debruça sobre a captação da essência dos fenômenos, seja ela expressa em fala, gestos ou contexto observado pelo pesquisador. Isso foi feito com o intuito de explicar as relações dos pesquisados entre si

e com o ambiente de interação, proporcionando a visualização dos múltiplos significados que uma mesma experiência pode proporcionar.⁸

A Análise do Discurso utilizada para explorar os dados produzidos nas entrevistas compreende que, nessas manifestações discursivas, está presente um escopo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que se conectam com os espaços das relações dos estudantes universitários e expressam processos e fenômenos envolvidos.⁸ Os dados foram discutidos e analisados em conjunto por pesquisadores de ambos os países. Apesar das características culturais dos estudantes brasileiros e espanhóis serem distintas, não foram observadas discrepâncias nos discursos acerca das temáticas nem no padrão de respostas, evidenciando manifestações comuns em ambos os países.

A partir das respostas, emergiram as seguintes categorias analíticas: Gênero, cultura, educação e preconceitos implícitos; Conhecimento/desconhecimento sobre biotecnologias e a formação em relação a gênero e biotecnologia; Articulação entre gênero e biotecnologia; Gênero/Biologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gênero, cultura, educação e preconceitos implícitos

Aspectos importantes nas questões relacionadas aos conteúdos curriculares desenvolvidos em ambos os países podem ser apontados a partir dos dados encontrados no presente estudo. Tais achados indicam, principalmente, que Gênero e Biotecnologia são temáticas que não subsidiaram as discussões da formação desses futuros profissionais da saúde. Dessa maneira, a partir dos discursos de gênero e sua articulação com o referencial teórico proposto pela temática da Biotecnologia, pode-se perceber a necessidade de ampliação de suas compreensões no que se refere à formação acadêmica de estudantes da área da saúde.

Gênero é aqui entendido como um elemento constitutivo das relações sociais que tem como base as diferenças percebidas entre os sexos. A partir daí, há uma posição dominante que emerge e se expressa como a única possível. Dessa compreensão de gênero, emergem conceitos normativos, expressos discursivamente, que denotam interpretações sobre os símbolos associados aos modos de se conduzir e se comportar que tentam limitar e conter suas possibilidades de expressão.⁹ Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas,

políticas ou jurídicas e tomam a forma de uma oposição binária fixa. Há uma compreensão hétero(dois) normativa(norma) que postula, de modo categórico e inequívoco, o significado “correto” e “adequado” de ser homem ou mulher, de masculino ou feminino.¹⁰

Nos discursos dos alunos participantes deste estudo, tanto dos brasileiros como dos espanhóis, foi possível encontrar a ratificação dessas compreensões heteronormativas culturais, sociais e políticas que se alicerçam na sociedade em que estamos inseridos. Discursos fundamentados numa compreensão linear de corpo-sexo e sexualidade são a tônica apresentada pelos estudantes entrevistados, restando pouca flexibilização para a assimilação de identidades que não seguem essa linearidade. Surpreende os pesquisadores que, em tempos de discussões profundas sobre movimentos sociais e modificações corporais, haja relatos que considerem os corpos e os comportamentos como estáticos.

No campo dos estudos culturais⁸, no qual a presente pesquisa está inserida, entende-se que a linguagem cria a realidade que expressa. Assim, é preciso observar a linguagem para que se detectar a realidade que ela cria e expressa. É essa linguagem, transformada, que vai movimentar ações e, no caso desta pesquisa, os modos de agir de estudantes da área da saúde na realidade em que efetuam seus estágios e na qual, futuramente, desenvolverão suas atividades laborais. Como se pode notar no excerto que segue:

[...] a gente tinha que ter um atendimento diferenciado para esse tipo de pessoa, LGBTQ+, que pudesse fazer com que ela se sintasse mais à vontade com a gente também. (E6 Brasileiro).

Falas como a referida marcam um discurso que ratifica as concepções culturais dos entrevistados sobre gênero e sexualidade, indicando diferenças que se localizam na forma como cada indivíduo conduz seu corpo. Trata-se de uma reação que posiciona “esse tipo de pessoa” em determinado grupo específico, atribuindo uma conotação de inferioridade às expressões de gênero que não estão em conformidade com as hegemônicas. Também é perceptível uma linguagem que expressa o preconceito implícito, tendo em vista que os entrevistados de ambos os países deixam transparecer nuances de suas compreensões que posicionam indivíduos transgênero como pessoas que carregam marcas que as diminuem no contexto social.

O ser humano absorve informações constantemente, conforme o meio social em que se encontra. Sendo assim, elas atingem os indivíduos de distintas formas, que sofrem

influências das experiências vividas, apregoadas com as informações vivenciadas, de convívio ou adquiridas de maneira afetiva, por proximidade. O preconceito implícito ocorre na formação da ideia ou do pensamento ligado à forma de criação ou ao ambiente cultural em que a pessoa está inserida, criando julgamentos a partir de ideias pré-estabelecidas e que são reproduzidas por normatividade social.¹¹

Ao se tratar da heteronormatividade do corpo, há influência do preconceito implícito, de modo que, pelo fator social, determina-se a existência de um padrão cultural já estabelecido e compreendido como imutável. Garcia e D’Angelo¹² pontuam que o corpo humano é uma ferramenta que propõe a expansão, indo muito além de uma definição biológica. Para Oliveira e Romanini⁶, o corpo é uma arma social, observada como uma ferramenta de poder, que não é fixa nem constante. A ideia de heteronormatividade do corpo possui a influência da cultura imposta, por meio da implicação de preconceitos implícitos e explícitos presentes nas relações de poderes sociais.

Conhecimento/desconhecimento sobre biotecnologias e a formação em relação a gênero e biotecnologia

As biotecnologias se articulam com os discursos de gênero na medida em que reforçam compreensões culturais tidas como “naturais” e “essenciais” para o ser humano e sua convivência em sociedade. São as biotecnologias disponíveis para as “adequações corporais” que subsidiam modos de entender os corpos e produzir políticas públicas que providenciem modos de incluí-los socialmente. Salienta-se que, no Brasil, houve a publicação da Portaria 2836/GM/MS, de 1º de dezembro de 2011¹³, que instituiu, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis. Recentemente, também houve a publicação da Portaria 2803, de 19 de novembro de 2013¹⁴, através da qual o Ministério da Saúde redefine e amplia o Processo Transexualizador no SUS.⁹ Já na Espanha, o Departamento da Presidência, através do Presidente Geral da Catalunha, protocola a Lei 11/2014, que garante os direitos de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais e para erradicar a homofobia, a bifobia e a transfobia.¹⁵

Nesse sentido, é possível dizer que as biotecnologias e os discursos de gênero, em ambos os países estudados, vêm ganhando um espaço cada vez maior na produção de formas de pensar e relacionar-se consigo mesmo e com o outro. Ao criarem distintas formas de compreensão do corpo, acabam potencializando a noção de que se pode

agir sobre si mesmo modificando, controlando e produzindo modos de ser e de estar enquanto homens e mulheres, pais e mães, cidadãos entendidos como partícipes do meio social. A fabricação de si mesmo por meio de biotecnologias e das representações acerca dos discursos de gênero estão a serviço da vida e da qualidade de vida.¹⁶

Entretanto, importa salientar que as biotecnologias não são impostas: elas são estratégias construídas em certas condições que se modificam constantemente — mais especificamente na produção de corpos que personifiquem os gêneros e legitimem os indivíduos dentro de uma sociedade heteronormativa. Poderia ser dito que as biotecnologias também funcionam como formas de governo que, por assim serem, controlam a possibilidade de inclusão e legitimação do indivíduo, uma vez que a tornam um artefato que deve ser modificado pela intervenção técnica, pela imposição de cuidados de saúde, pela possibilidade de manipular o corpo.^{17,18}

Estamos diante de uma revolução tecnológica e perante o anúncio de tantas possibilidades de utilização das biotecnologias que, por ora, torna-se dificultosa a absorção de tamanhas e largas informações constantes e incessantes. Porém, em contraponto a essas possibilidades, ao problematizar os temas da pesquisa, foram coletados depoimentos de estudantes brasileiros e espanhóis com dificuldades de conceituar as biotecnologias.

Biotecnologias é um tema que eu tenho pouco conhecimento, isso é coisa que eu teria que estudar mais, na verdade eu não sei te formular uma resposta (M2 Brasileiro).

Tais manifestações, provenientes dos dados coletados e analisados, parecem incongruentes com o contexto social, quando tudo leva a pensar que se vive uma revolução, sinalizando que a humanidade não mais necessitará se sujeitar aos fatores de caráter aleatório que marcaram a história, uma vez o uso das biotecnologias é ofertado como possibilidade de transformar e controlar o corpo. Na medicina, a terapia genética promete a revolução na saúde, trocando o sexo dos sujeitos, curando as doenças do organismo, desenvolvendo, diagnosticando e tratando, antes mesmo do nascimento, as doenças que o indivíduo viria a ter. Além disso, ainda é possível realizar a modificação genética de animais para a geração de órgãos para fins de transplantes.

A análise dos depoimentos dos estudantes participantes do estudo identifica que, ao manifestarem uma certa carência conceitual sobre biotecnologias e suas articulações relacionadas a gênero — tanto no que se refere ao campo das intervenções quanto aos aspectos sociais

—, projetam a necessidade de reestruturação curricular dos cursos de graduação e salientam as fragilidades na busca por essas temáticas de forma extracurricular, dividindo as responsabilidades. As incompreensões observadas nos dados conduzem a perguntar sobre onde as temáticas gênero e biotecnologias estão localizadas nos currículos de graduação e quais conceitos fundamentam as discussões teórico/práticas dos futuros profissionais que atuarão sobre a vida dos sujeitos. Sobretudo em relação aos impactos que a inclusão efetiva dessas temáticas como conteúdo programático dos cursos de graduação em saúde poderiam ter.

As biotecnologias são formas de aplicar novas tecnologias a diversas áreas de atuação e necessidades humanas, incluindo a área da saúde, por meio do desenvolvimento de pesquisas, estudos e ações que tornem os meios úteis ou adaptados às necessidades do ser humano. Rocon e colaboradores² colocam que as biotecnologias utilizadas como ferramentas que viabilizam o enquadramento do sujeito às definições biológicas tidas como padrões sociais são denominadas produção do gênero ou produção de novos corpos, quando feitas com hormônios, procedimentos estéticos e cirúrgicos.

Ao longo do processo transexualizador, as biotecnologias tomam posição principal, possibilitando novas formas de apresentação de corpo, gênero e sexualidade. Contudo, ao realizar procedimentos cirúrgicos, faz-se necessário o acompanhamento médico, que, por vezes, acaba sendo negligenciado devido à dificuldade de acesso aos serviços de saúde que a referida população enfrenta. Assim, acabam por realizar o uso da hormonioterapia por conta própria.⁶

Essas questões, assim como os discursos dos estudantes entrevistados, ocupam tamanha força pelo fato de o uso das biotecnologias assumir, no imaginário coletivo, um lugar de destaque, prometendo potencializar a vida nas suas diversas dimensões. Tais constatações convidam — ou quase intimam — a considerar tais conceitos básicos para a formação universitária.

Para muitos profissionais atuantes na área da saúde, tratar questões relacionadas a gênero e sexualidade é ainda um tabu. Devido isso, acabam por negligenciar parte do cuidado em saúde, que deveria ser prestado de forma integral.¹⁹ Tais discussões, quando desenvolvidas durante a graduação, possibilitam melhor entendimento das demandas em saúde relacionadas ao gênero, ampliando o acesso aprimorado à saúde e ao cuidado qualificado na sua integralidade.¹⁹

Com a implementação do processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), como um procedimento

pautado no modelo biomédico e formalmente regulamentado pelo Ministério da Saúde, a atenção à população de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e outros foi ampliada e assegurada. Dessa forma, o conhecimento sobre as temáticas de gênero e biotecnologias se tornam imprescindíveis à formação de novos profissionais para que essa questão seja dimensionada/equacionada de forma adequada.²⁰

Articulação entre gênero e biotecnologia

As pautas relacionadas às discussões sobre gênero e biotecnologias, à medida em que oferecem variados modos de manipular e controlar os corpos, os genes e as células e, conseqüentemente, nossas vidas, produzem novos conceitos para discorrermos sobre a existência. Desse modo, tais discussões exercem um impacto crescente nos modos de definir e produzir subjetividades, provocando deslocamentos nas formas de pensar sobre os sujeitos na sociedade. A compreensão dos conceitos gênero e biotecnologias, assim como de suas articulações, demonstram que eles precisam ser considerados com uma noção que “deixa de fazer referência a artefatos técnicos e passa a designar operações de mediação em que podem estar implicados elementos distintos e heterogêneos”.²¹

Nessa direção, por meio da reflexão sobre as alocuções dos estudantes entrevistados, compreende-se que, mais do que procurar constatar e verificar supostas verdades absolutas sobre os possíveis cruzamentos entre gênero e biotecnologias, procura-se buscar os entendimentos que se formam e se afirmam no cotidiano da universidade, conectando-se com os múltiplos acontecimentos oriundos da formação profissional na área da saúde. As falas dos estudantes a seguir indicam que, nesse processo de aprendizado em que estão imersos, ainda parece ser complexo formular discursos em que os aspectos de gênero e biotecnologias escapem da relação de corpo biológico versus utilização tecnológica.

Biotecnologia, seria a tecnologia aplicada na vida, não? Mas é tema de gênero [...] eu, tudo que sei, é que, se trata do estado psicológico da pessoa, como por exemplo, [...] se nasceu homem e agora virou mulher, isto é totalmente relacionado a biotecnologia (E1 Espanhol).

Por causa da genética talvez, DNA, alguma coisa na herança. É isso. Se articulam, então a biotecnologia pro gênero da pessoa, talvez sejam coisas que possam fazer as pessoas que não se identificam com o seu sexo, seu gênero se... ter uma vida melhor, talvez isso? Talvez seja isso né. Essa biotecnologia

ta relacionada a alguma tecnologia que possa ajudar na mudança de sexo? E então o gênero e a biotecnologia podem se articular então de forma que uma vai ajudar a outra. Acredito que seja isso (E6 Brasileiro).

A partir dos elementos encontrados, é possível problematizar que as biotecnologias possibilitam intervenções relacionadas ao gênero dos sujeitos, no sentido de modificar as condições de vida relacionadas ao sexo, criando ideários de que é possível escolher o que se quer ser, em que “gênero” e “biotecnologia” podem se articular de forma que um ajudará o outro. Tais compreensões apontam que as biotecnologias têm sido responsáveis por algumas mutações na forma de nos relacionarmos com nossa saúde e com nós mesmos, produzindo um novo dispositivo de subjetivação no que se refere a gênero, cuja principal característica diz respeito à dispersão dos enunciados biotecnológicos no cotidiano das pessoas e seu impacto na forma de ser e viver no contemporâneo.²²

Em uma pesquisa realizada por Rocon e colaboradores², a busca por tecnologias a favor da transição de gênero foi apresentada como estratégia para adquirir um corpo que se adeque às relações e aos cenários sociais. Embora os participantes tenham sido aceitos em lugares regulamentados pelas normas heterossexuais, a humanização e o reconhecimento enquanto “mulheres” ou “homens” não foram admitidos socialmente, concluindo-se que as cirurgias oferecem um corpo idealizado pela expectativa guiada por normas e padrões de gênero historicamente construídos.

Gênero/biologia

Os dados coletados e analisados, tanto com estudantes da universidade brasileira quanto com da universidade espanhola, mostram entendimentos essencializados de gênero, que se centram numa norma binária. Os discursos dos alunos consideram que a heterossexualidade é aceita como padrão de comportamento, instituída como sendo a norma social a ser seguida. Percebe-se que gênero segue como um marcador social que posiciona homens e mulheres em papéis sociais determinados, não havendo espaço para outras possibilidades identitárias.

Gênero [...] identifica quem é homem e quem é mulher! (E2 Espanhol).

Gênero [...] masculino e feminino (F6 Brasileiro).

A materialidade do corpo, a sua forma sólida, segue sem ser questionada pelos estudantes brasileiros e espanhóis, indicando que os alunos a entendem como intrinsecamente implicada com a matriz biológica do sujeito. Os pesquisadores entendem que esse discurso continua passando a formação de profissionais da saúde que apresentam pouca capacidade de deslocamento para outras possibilidades de explicação que estão sendo cotidianamente discutidas na mídia contemporânea. No contexto estudado, gênero é uma categoria que está atravessada por modos de organização social, que diferencia pessoas de acordo com seus postos de trabalho, seus salários, sua cor, de acordo com os respondentes, uma classificação.

[...] como se fosse uma classificação. Eu entendo gênero como se fosse uma classificação (F4 Espanhol).

Existem explicações de que a biologia é o cerne de tudo que constrói o corpo humano. Ela está vinculada à classificação biológica que conceitua o binarismo sexual de acordo com a formação dos órgãos sexuais, tornando o sexo determinante do gênero. Contudo, o corpo humano é uma ferramenta que propõe a expansão para além de uma definição biológica e necessita ser compreendida e largamente discutida mediante essas percepções.^{2,23}

Masculinidades e feminilidades são tensionadas nesta pesquisa como socialmente construídas por meio das inúmeras pedagogias culturais que são postas em circulação e que “naturalizam” modos de ser e estar na vida como seres possuidores de um corpo com vagina ou pênis. Essa articulação entre gênero e educação pode ser percebida nas instituições e organizações como constituinte da cultura heteronormativa, que admite apenas dois sexos/gêneros possíveis.

Em instituições em que a heterossexualidade compulsória permanece, há regulamentação da binaridade, em que os únicos gêneros possíveis — feminino e masculino — se diferenciam por meio da prática e do desejo sexual. Historicamente, fugir da binaridade foi considerado patológico; contudo, o trânsito entre os gêneros é capaz de mostrar que a biologia é manipulável, criando-se formas não vistas na existência. Hodiernamente, seres que fogem da lógica binária tendem a sofrer discriminações sociais das mais diversas formas.^{23,24}

Esta pesquisa foi desenvolvida em campos culturais distintos (Brasil e Espanha), mas os sujeitos apresentavam, em comum, a característica de serem estudantes da área da saúde, de modo que os discursos apresentaram características semelhantes entre os cursos e os países. Os alunos problematizam que, apesar de parecer um tema

esgotado, é de extrema importância que, em tempos de fundamentalismo religioso, o debate se fortaleça e possa gerar avanços e frutos que contribuam para a melhoria da equidade de gênero e possibilidades de expressão de identidades sexuais e de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações dos discursos sobre gênero e biotecnologias no âmbito da formação profissional nos cursos da área da saúde e os dados da pesquisa indicam que a inserção dessa discussão na formação universitária tem sido realizada de forma isolada, por iniciativas individuais de professores e pesquisadores, tanto da universidade brasileira como na espanhola. A criação de grupos de pesquisa ou de pesquisas tem sido uma grande aliada dessa inserção, possibilitando melhores articulações entre a temática e a formação, embora ainda com significativas lacunas na formação.

Os dados deste estudo indicam que as temáticas Gênero e Biotecnologias são pouco evidenciadas nos currículos dos cursos de graduação da área de saúde. Portanto, é necessária uma discussão sobre a reestruturação desses currículos, de modo que esses temas estejam mais presentes na formação de profissionais de saúde, permitindo a compreensão singular das diferenças e das escolhas de cada sujeito.

Ademais, é preciso promover um debate mais intenso sobre as articulações e os impactos da utilização das biotecnologias no que se refere a gênero, para que, assim, os sujeitos possam ter benefícios na sua saúde de forma integral e em todos os fatores que contribuam para tal, podendo viver com menos riscos em suas escolhas e contribuindo para a melhoria da equidade de gênero e identidades sexuais. Deve-se indicar que as biotecnologias, se bem utilizadas, podem corroborar para que aspectos relacionados a gênero não causem danos à saúde. Para isso, faz-se necessário que os profissionais tenham acesso amplo à educação e a informações.

REFERÊNCIAS

1. Oliveira KH. Intense Encounters: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado, and the Queer Theory. *Rev Estud Fem* 2021 [citado em 2022 jan. 10];29(1):e67637. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/f8xM5gZFZxn9yZwxZbxd8Tt/?lang=pt>
2. Rocon PC, Sodré F, Rodrigues A, Barros MEB, Pinto GSS, Roseiro MCFB. Vidas após a cirurgia de redesignação sexual: sentidos produzidos para gênero e transexualidade. *Ciênc Saúde Colet*. 2020 [citado em 2020 dez. 14];25(6):2374-56. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4sX9R9TRSnk4hzdC8dwrsQb/?lang=pt>

3. Foucault M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2005.
4. Ortega F. Corporeality, Medical Technologies and Contemporary Culture. London: Routledge; 2014.
5. Rose N. The politics of life itself: biomedicine, power, and subjectivity in the twenty-first century. Princeton: Princeton University Press; 2007.
6. Oliveira I, Romanini M. (Re)escrevendo roteiros (in)visíveis: a trajetória de mulheres transgênero nas políticas públicas de saúde. *Saúde Soc.* 2020[citado em 2020 dez. 14];29(1). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902020000100300&script=sci_arttext
7. Ministério da Saúde (BR). Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012. Brasília: MS; 2012[citado em 2020 dez. 18]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
8. Lisboa FFL, Baptista MM. Estudos culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação. Santa Maria: UFSM; 2016[citado em 2020 nov. 21]. Disponível em: www.ufsm.br/estudosculturais
9. Petry AR. Mulheres transexuais e o processo transexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo. *Rev Gaúch Enferm.* 2015[citado em 2020 dez. 14];36(2):70-5. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeenfermagem/article/view/50158>
10. Marquez CF, Vinhas LI. Heteronormativity and dominant ideology: the refusal of the song “Parabéns” by singer Pablo Vittar. *Rev Periódicos.* 2021[citado em 2020 dez. 14];2(16):143-54. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/37082/25321>
11. Gonçalves VO, Pereira H. I’m Black, I’m Gay, and I Have Mental Illness”: Intersections in Portuguese Newspapers. *Rev Estud Fem.* 2021[citado em 2020 dez. 14];29(2):1-15. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/YcLPcRGbkQ7RRgXddqYQyB/abstract/?lang=pt>
12. Garcia AM, D’Angelo LB. Corpos Trans na Medida Socioeducativa de Internação: Desestabilizando Práticas e Produzindo Novidades. *Psicol Ciênc Prof.* 2019[citado em 2020 dez. 14];39(3):242-56. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000700317
13. Ministério da Saúde (BR). Portaria Nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). *Diário Oficial da União.* 2011[citado em 2020 dez. 15] Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html
14. Ministério da Saúde (BR). Portaria 2803 de 19 de novembro de 2013. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário Oficial da União.* 2013 Nov 21 [citado em 2020 nov. 22] Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html
15. *Diari Oficial de la Generalitat de Catalunya (ES).* Núm. 6730. Generalitat de Catalunya. 2014 Out 17. [citado em 2020 dez. 20] Disponível em: <https://dogc.gencat.cat/ca/inici>
16. Rose N. Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do biocapital. In: Santos LHS, Ribeiro PRCR, organizadores. *Corpo, gênero e sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida.* Rio Grande: FURG; 2011. p.13-32.
17. Rosa AS, Petry AR, Mocelin G, Somavilla VEC, Weiss LV. Biotecnologias em saúde, fisioterapeutas e profissionais de Enfermagem: limites e possibilidades de atuação conjunta. *Rev Interdisciplinar Prom Saúde.* 2021[citado em 2021 nov. 20];4(1):1-12. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/ripsunisc/article/view/16635>
18. Petry AR, Somavilla VEC. A exortação do discurso de risco e a coleta autóloga de células tronco do cordão umbilical. *Texto Contexto Enferm.* 2016[citado em 2020 dez. 12];3:2-8. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072017000300323&script=sci_abstract&lng=pt
19. Raimondi GA, Moreira C, Barros NF. Gêneros e sexualidades na educação médica: entre o currículo oculto e a integralidade do cuidado. *Saúde Soc.* 2019[citado em 2020 dez. 14];28(3):198-209. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902019000300198
20. Santos MA, Souza RS, Lara LAS, Risk EM, Oliveira WA, Alexandre V, et al. Transexualidade, ordem médica e política de saúde: controle normativo do processo transexualizador no Brasil. *Est Inter Psicol.* 2019[citado em 2020 dez. 14];10(1):3-9. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100002
21. Galindo D, Rodrigues RV, Lemos FCS, Almeida LCCS. Biotecnologias, subjetivação e psicologias: mercado de células-tronco do cordão umbilical. *Psicol Soc.* 2017[citado em 2018 set. 10];29:e148056. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i148056>
22. Hüning SM. A psicologia na rede das novas biotecnologias. In: Guareschi NMF, organizador. *Psicologia, formação, política e produção em saúde.* Porto Alegre: EDIPUCRS; 2014.
23. Butler J. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018.
24. Butler J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2014.